

MINISTÉRIO DO ÚLTIMO TEMPO

OS FALSOS ROSTOS DE JESUS

Incoerências e Contradições flagrantes com as Escrituras

- A furtiva e subtil introdução dos falsos rostos de Jesus na igreja
- Bem-aventurados aqueles que crêem sem ver

Dr. Tiago Moisés

PALAVRA REVELADA – PALAVRA VIVA
(Jo.5:39,40; 2 Cor.3:6)

1. MINHA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA COM A IDOLATRIA

Já contei muitas vezes em pregações, como que o **divino mandamento** tocando a veneração de imagens, me foi recordado pelo próprio Senhor. Quando, do meu gabinete de trabalho na Igreja, orando e adorando à Deus, de joelhos, ouvi pelo Espírito essas palavras de Ex.20:3-5. Não aconteceu uma só vez. Já que, com uma certa frequência, cada vez que me encurvava para O adorar, a mesma coisa se repetia: *“Não terás outros deuses diante de mim... Não farás nenhuma representação ou figura das coisas que estão no céu, nem se encurvarás diante delas, nem as servirás... Eu sou um Deus ciumento”*

Aquando da minha repreensão, fui justificando-me em oração diante de Deus em como nunca... mas nunca fiz nenhuma representação... nenhuma figura daquilo que está no céu. E, nunca me encurvei perante tal coisa. Foi naquela altura que, ainda orando, levantei os olhos diante de mim e fixei a imagem que estava na parede do meu escritório. Bem atrás da minha secretaria quando estou a trabalhar, sentado; e bem em frente de mim, quando estou ajoelhado de outro lado; havia lá fixado no muro, **uma representação de Jesus do pintor Hofmann**. E em baixo daquela imagem, eu mesmo tinha escrito: “Este é a imagem do Deus invisível” (Col.1:15)

Foi então que aconteceu aquilo que muitas vezes já contei: enquanto estava sendo convencido pelo Espírito que tais práticas (falo primeiro da **representação**, e só depois da **veneração** de imagens) eram abomináveis a Deus, tirei essa imagem da minha parede. Nem podem imaginar em como fiquei muito triste na ideia de me separar dela, destruindo-a. Foi então que realizei como (por força de hábito) aquela imagem já fazia parte da minha adoração e concepção da divindade. Ao invés de rasgar aquela foto, preferi a guardar comigo algum tempo, escondida nos meus livros. Cheguei a pensar que rasgando essa simples imagem, estaria a blasfemar contra Deus. **Ora é justamente nisso que consiste o pecado: olhar para uma foto (ou imagem) como se fosse a própria pessoa que ela representa.** É justamente o que todos os iconófilos defendem: *“a honra prestada a essas imagens se refere naquilo ou naquele que é representado. De modo que, por meio das imagens adoram-se na verdade a Cristo e veneram-se os santos e profetas cuja semelhança é apresentada nessas imagens”*. Volto à fazer a mesma pergunta: e se a imagem não representa a semelhança daquilo que se quer adorar? Ou: e se a imagem que nos é dada é falsa?

Até que chegou o dia em que me livreí dela sem remorso... Gloria à Deus que me livrou desta armadilha!

2. AS INCOERÊNCIAS E CONTRADIÇÕES FLAGRANTES COM AS ESCRITURAS

2.1. O ASPECTO FÍSICO DE JESUS (Is.53:2):

Examinando sem tendências, parcialidade nem emoções as várias representações de Jesus em imagens, a pergunta que todo aquele que ama a sua alma deve se fazer é a seguinte: QUAL É O VERDADEIRO ROSTO DE JESUS? Senão... e vou continuar a insistir sobre a própria lógica dos que defendem essas práticas: **se a imagem ou figura não tem semelhança com o protótipo que ela representa; é claro que está se adorar um demônio; um anjo de trevas que se faz passar por Jesus.**

Se Deus proibiu que se fizessem essas imagens. E nós sabemos que O Conselho de Deus é inalterável. Aqui vai a pergunta: **aquele artista que pintou o rosto de Jesus, inspirou-se de quem?** Quer seja Leonard de Vinci, Picasso, J. Heinrich Hofmann, ou ainda um outro artista: **tal inspiração não vem de Deus! Não, não e não! Não digam que foi O Espírito Santo que inspirou essas artistas. Não é verdade!**

Li certos artigos falando de uma jovem artista Akiane que afirmou ter passado por uma experiência fora do corpo (projecção da consciência), durante a qual um espírito a visitou. E que durante a noite quando dormia, foi arrebatado no Paraíso; e que Deus teria atendido o seu pedido em lhe mostrar como era Jesus para o desenhar. Digo-vos isso por tudo que é mais sagrado: Não acreditem nessas fábulas, meus irmãos! O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacob não pode fazer isso!

Li ainda que a ciência forense fez uma reconstituição do rosto de Jesus à partir da tecnologia mais sofisticadas em 3D, etc. Não acreditem nessas histórias! Deus não está neste negócio! Se quiser aprender alguma coisa sobre Deus, façam isso a partir da própria ciência de Deus: Sua própria Palavra.

Nessas IMAGENS, os artistas contradizem o testemunho das Escrituras. Olhando por essas representações de Jesus, quer por católicos, adventistas, nas brochuras das Testemunhas de Jeová, pelos branhamistas, etc. não encontramos em nenhuma dessas figuras uma representação que se enquadra com a descrição que as profecias das escrituras fazem deste mesmo Jesus.

Um dia veio na carne; quando O Logos se encarnou em Jesus de Nazaré. A Bíblia nos ensina que Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo. Jesus afirmou: *“Quem me vê a mim, vê o Pai”*. Se a aparência física de

Jesus fosse tão importante na nossa adoração, porque que os apóstolos e discípulos da primeira hora que o viram e o apalparam não tiveram o cuidado de nos deixar uma imagem dele? Será que não havia em Israel alguém capaz de o desenhar? Eis que ninguém o fez! Porque? Certamente, por causa do mandamento de Ex.20:1-5.

Reparem que mesmo no templo e sinagogas dos judeus não haviam imagens representando os profetas como Moisés ou Elias, o rei David, etc. São os pagãos agrupados no cristianismo corrompido que fizeram essas representações. Os judeus à quem os oráculos de Deus foram confiados, abstiveram-se de fazer isso. Eles sabiam que Deus não se compadece com a idolatria. Eis porque nas assembleias de discípulos do Cristo na era primitiva, não havia também imagens representando O Senhor Jesus nos locais de cultos... Até que o Evangelho foi anunciado às nações; e que os pagãos que (ao contrário dos judeus) não conheciam os oráculos de Deus por não os ter recebidos antes, contaminaram e corromperam a fé dos cristãos, acrescentando-lha suas crenças mitológicas.

Sobre Jesus... nenhuma das testemunhas oculares de Jesus deu-se o trabalho de nos fazer pelo menos uma mera descrição da Sua aparência física. Temos por exemplo uma descrição do rei Saul na Bíblia que nos diz que ele ultrapassava todo o exército de Israel de uma cabeça. Assim soubemos que era um homem grande. Temos também uma descrição de Eliabe, o irmão mais velho de David; um homem grande com uma boa aparência. A Bíblia descreve o próprio David, no dia em que foi ungido por Samuel, como um ruivo, de belos olhos e de gentil aspecto (1Sam.16:12). A escritura de 2Sam.14;25,26 enaltece a beleza física do seu filho Absalão, elogiada por todos; e que não tinha nenhuma deformidade da cabeça aos pés, e que era muito cabeludo, etc. Daí a deduzir que Jesus de Nazaré era também assim?

Todavia, na resposta de Deus a Samuel quando este viu Eliabe (1Sam.7:16), vimos que Deus não se importa com a aparência física na escolha de Seus instrumentos; mas com aquilo que está por dentro do homem. E não é nesta polémica que eu quer dirigir a mensagem de hoje.

A única descrição de Jesus vindo na carne que temos na Bíblia é aquela feita pelo profeta Isaías (Is.53:2). Esta profecia não só prediz com clarividência a vinda d'Aquele que é olhado como o Messias na terra; mas fala também do seu ministério, seu calvário, sua crucifixão entre os ímpios e sua sepultura entre os ricos. E, todos nós sabemos que essas coisas se cumpriram em Jesus de Nazaré. Absolutamente!

No versículo 2, podemos ler o seguinte: *“não tinha formosura nem beleza; e quando olhávamos para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos.”* Se acreditamos que todas essas coisas preanunciadas na profecia de Isaías 53 tiveram cumprimento em Jesus de Nazaré: a encarnação do Messias. Este Cristo que O Senhor-Deus esmagou, fazendo-O enfermar; tendo sido feito como oferta pelo pecado; e que foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca. Sofrendo a morte da cruz no meio de dois bandidos (os ímpios previamente anunciados na profecia), e tendo recebido sepultura com o rico por intermédio de José de Arimateia. Dizia eu que, se acreditamos que tudo isso se referiu e se cumpriu em Jesus de Nazaré, porque não acreditaríamos naquilo que foi dito no versículo 2 (sendo esta a única descrição física feita do Messias nos dias da Sua carne)? Pela simples razão que o Jesus das pinturas é o reflexo do imaginário colectivo que se representa Jesus daquela maneira; ou quer O ver assim.

Todavia, à luz das escrituras, compreendemos que Jesus Cristo não tinha pois uma beleza física de “encher os olhos” como se diz. A versão do King James traduz assim: *“Ele não aparentava **qualquer formosura ou majestade que pudesse atrair os seres humanos, nada havia em seu aspecto físico pelo que pudéssemos ser cativados**”*. Se o contrário fosse verdade, a Bíblia não faria a mesma descrição de Jesus, como o fez de Absalão por exemplo?

A profecia bíblica não disse que se tratava de um homem feio, não! Mas, salienta que de ponto de vista humano Jesus de Nazaré, O Cristo, não tinha a aparência daqueles que facilmente atraem o olhar humano sobre este aspecto meramente físico. Não tinha alguma beleza física igual àquela que espanta ou maravilha quem o vê. Ele não era um homem fisicamente atraente! Eis o que significa: *“não tinha formosura nem beleza; e quando olhávamos para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos”!* Na Sua encarnação, Ele veio como um simples homem! Despojando-se de tudo incluindo glória e beleza.

Agora, em que deve se fundamentar a nossa fé? Senão no testemunho das Escrituras (pois a Escritura não pode ser anulada). Ora, se repararmos em todas essas imagens ou representações que os homens fazem hoje de Jesus, **nenhuma delas corresponde ao que nos diz a Bíblia à respeito dele.**

Em todos os quadros representativos do rosto de Jesus; da última ceia; nos filmes; nas brochuras, etc. Jesus nos é sempre apresentado como o mais belo homem no meio de todos: Um Cristo mui formoso e charmoso; geralmente com cabelo comprido.

Mas, reparem numa coisa: Se Jesus fosse assim tão atraente em relação a todos os seus discípulos, porque que no dia em que os judeus O procuravam para O prender, tiveram que combinar com Judas o sinal (neste caso o beijo) para

reconhecer o homem que procuravam. Não teria sido mais fácil Judas dizer-lhes: *“Prendem o homem mais belo de todos; aquele de cabelo comprido e de olhos azuis (já que poucos são os homens com aquela cor de olhos) ”*? Mas, **eis que os judeus precisavam de um sinal para reconhecer Jesus no meio de outros homens**. E pagaram muito por isso: trinta moedas de prata. Como explicar tal pormenor, com toda a fama que precedia Este profeta vindo de Galileia em todos lugares por onde passava naquele tempo; e o alvoroço que Ele causava em todo país naqueles últimos dias? A explicação é simples; e é aquela que nos é dada na Escritura: *“Ele (Jesus de Nazaré) não aparentava **qualquer formosura ou majestade que pudesse atrair os seres humanos, nada havia em seu aspecto físico pelo que pudéssemos ser cativados**”* (Is.53:2). Nem formosura, significa: nem beleza, nem boniteza, nem lindeza... Entendem isso?

O Nome de Jesus tornara-se tão célebre (Mc.6:14) ao ponto de chegar aos ouvidos das autoridades. A sua fama suscitava sentimentos contraditórios nas pessoas. É o caso de Herodes o Tetrarca que, ora movido por ciúmes queria matá-Lo; e ora movido pela curiosidade desejava vê-Lo. Mas, no dia em que Jesus compareceu diante dele, Herodes O desprezou e escarneceu-se dele junto com seus soldados. (Lc:23:8-11) Sabeis porque? Porque Jesus de Nazaré *“não aparentava **qualquer majestade que pudesse atrair os seres humanos**”*.

Reparem na surpresa do governador Pilatos no dia em que Jesus compareceu perante ele: *“És tu o rei dos judeus?”* Ao que respondeu Jesus: *“O meu reino não é deste mundo...”*. Voltou a perguntar Pilatos. *“Logo tu és rei?”* (Jo.18:33-37). Qual era o problema de Pilatos? Tão simples quanto isso: **Este homem Jesus que estava perante dele não aparentava qualquer formosura ou majestade que possa justificar um tal título aos olhos dos homens**.

Eu já ouvi algum pregador fazendo a apologia do enfeito exterior afirmar: *“Devemos vestir ricamente e sempre bem apresentado. Olhem para Jesus: Ele vestia-se de fino linho puro”*. Mentira! Jesus aparece trajando assim nas visões celestiais e gloriosas. E, sabemos o que isto significa! Pois, à Sua noiva foi providenciado de vestir também da mesma maneira. Assim como também os exércitos dos céus que acompanham O Senhor da glória (Apoc.19:8,14). Todavia, nos dias da sua carne, Jesus não trajava-se deste jeito... à maneira de um rei. A única vez que Jesus revestiu na carne, um manto ou roupa resplandecente, foi Herodes quem o emprestou (Lc.23:11). Para se zombar deste suposto “rei”, que *não aparentava **qualquer formosura ou majestade***.

Todavia, não é esta impressão que ficamos com ele quando olhamos pelos quadros pintados de “Jesus”. Na verdade, olhando para Jesus de Nazaré, podia

se dizer que era “**um simples homem**”, tal como o afirmava os judeus que contendiam com Ele.

De onde veio essa tendência obsessiva de representar Jesus tal como o vemos assim? Certamente não de Deus! Não estaríamos, deste modo, a adorar ou venerar um “outro deus” que os homens nos apresentaram como sendo Jesus? Aqui está a astúcia do diabo que levou inúmeras pessoas na idolatria! Pois o mandamento diz: “*Não terás outros deuses diante de mim.*”

Sejais apercebidos disso, ó iconófilos! Se esses “Jesus” que nos são desenhados em imagens não representam o Verdadeiro rosto humano do Messias (o protótipo) ... se a imagem não tiver a semelhança daquele que ela representa, quem estaríamos nós a adorar ou venerar neste momento? Não seria **um falso “Jesus”**? Isto é: **um falso deus**; como o bezerro de ouro feito por Arão?

Desafio qualquer desenhador, artista plástico ou pintor em nos dizer: quem foi que lhe revelou “Jesus” para o desenhar; já que ninguém o viu na carne. Pelo que, repito: **tal inspiração não vem de Deus!** Como pois O mesmo Senhor que ordenou, dizendo: “*Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu...*”, inspiraria agora um desenhador ou pintor para fazer o que Ele mesmo proibiu e cair no anátema? É Deus que está Se contradizer, ou então alguém que está tentar nos enganar? Para os que acham que tais imagens podem ser da autoria de Deus, queremos lembrar que, de acordo com o que está escrito:

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.” (Tg.1:17).

Isso estende-se à todos, no que diz respeito as coisas de Deus: se alguém pretende que uma graça divina lhe foi feita, e que teria recebido de Deus um dom qualquer; este deve concordar nas suas **realizações, actos** ou **obras** com tudo que foi predeterminado, prescrito ou ordenado no imutável Conselho (ou Plano) de Deus. Caso contrário, estaríamos perante uma **fraude**. Agora... este dom que julgai excelente ou quase perfeito de um desenhador ou artista humano, não pode desenhar ou representar Deus; contra a Sua própria vontade. Não! E, Ele dá o seguinte testemunho de Si mesmo: “*Eu, o Senhor, não mudo*” (Mal.3:6).

2.2. O PORTE DO CABELO COMPRIDO E A LEI DO NAZIREADO

Este é segundo argumento que nos leva a duvidar de todos esses Jesus que nos são representados em imagens: **o porte do cabelo comprido**. Não quero trazer à ribalta um debate sobre um assunto que é óbvio.

O apóstolo Paulo ensinou o seguinte na Igreja dos gentios (pagãos): *“Não vos ensina a própria natureza que se o homem tiver cabelo comprido, é para ele uma desonra”* (1Cor.11:14)

Não afirmou este apóstolo ter visto O Senhor? Como poderá ele então ensinar que é vergonhoso o homem ter cabelo comprido, se assim O Senhor parecesse no dia em que se revelou a Paulo? Se Jesus tivesse cabelo comprido, então Paulo estaria à testemunhar contra O próprio Senhor ao ensinar isso.

Em Israel, no caso específico da lei de “nazireado”, o porte de cabelo comprido era obrigatório como sinal de devoção, em como essas pessoas fizeram votos de consagração à Deus (Nu.6:5). Todavia, tão logo cumpridos os seus votos, os nazireus apresentavam-se diante do sacerdote. E raspava-se esse cabelo do nazireado que era queimado no fogo (Nu.6:13-18). Embora, tivéssemos alguns nazireus que eram consagrados a Deus desde o ventre das suas mães: caso de Samuel (1Sam.1:11) ou Sansão (Ju.13:5: 16:17), e talvez João Baptista; a Bíblia nunca nos ensinou que Jesus de Nazaré seria um “nazireu”. Uma certa confusão gerada por algumas traduções que confundem “nazireu” ao “nazareno”, seria a base deste mau entendimento. Todavia, a escritura de Mat.2:23 confirma que Jesus foi chamado: o Nazareno; não por causa de um voto de consagração à Deus (o nazireado); mais sim por causa da cidade de Nazaré, de onde cresceu com seus pais carnis:

*“e foi habitar **numa cidade chamada NAZARÉ**; para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: **Ele será chamado NAZARENO.**”*

Os nazireus eram, ora consagrados pelos pais (como Samuel, Sansão, João Baptista); ora, faziam eles mesmo o voto de consagração. Se Jesus de Nazaré era na Verdade: O Cristo, como podia Ele ainda ser olhado como um nazireu. Não seria contraditório: Deus consagrando-se a Si mesmo?

Reparem nas palavras do anjo Gabriel:

- À Zacarias, pai de João Baptista, disse: *“Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João... porque ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida forte; e será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe; converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus”* (Lc.1:13-16)
- À virgem Maria, noiva de José, disse:

*“Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e **será chamado filho do Altíssimo**; o **Senhor Deus lhe dará o trono** de Davi seu pai; e **reinará eternamente** sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.”* (Lc.1:31-33)

Trata-se claramente de duas coisas diferentes: no caso de João Baptista, temos um homem consagrado para servir; enquanto, em Jesus, temos o Filho do Altíssimo que há-de vir na terra para reinar **eternamente**; como também foi anunciado pelos profetas.

Comparam agora pela similitude entre as palavras do anjo Gabriel anunciando o nascimento de João Baptista, com a do anjo que anunciou o nascimento de Sansão:

*“Eis que és estéril, e nunca deste à luz; porém conceberás, e terás um filho. Agora pois, toma cuidado, e não bebas vinho nem bebida forte, e não comas coisa alguma impura; porque tu conceberás e terás um filho, sobre cuja cabeça não passará navalha, **porquanto o menino será nazireu de Deus desde o ventre de sua mãe; e ele começara a livrar a Israel da mão dos filisteus.**”* (Ju.13:3-5)

Compreendemos então que o nazireu é consagrado para um serviço determinado. Jesus é Cristo: Deus-Salvador é um Dominador e não um nazireu. Pelo que o argumento segundo o qual Jesus tinha muito cabelo por ser nazireu é infundado.

E vimos que findo o nazireado (salvo nos casos dos que eram nazireu desde o ventre, e que eram chamados à guardar o cabelo até a morte como Sansão), esses homens cortavam-se o cabelo, como todos os homens. Tal como era prática corrente em Israel.

É também importante sublinhar aqui que, no caso dos sacerdotes, a Lei de Deus proibia-lhes de rapar a cabeça ; e ao mesmo tempo de ter cabelo comprido. Daí a obrigação de tosquiarem-se constantemente, e ter o cabelo aparado.

“Não raparão a cabeça, nem deixarão crescer o cabelo; tão-somente tosquiarão as cabeças.” (Ez.44: 20)

Ora, se pode até se levantar algumas dúvidas se Jesus era um nazireu ou não; não se pode de modo nenhum duvidar de que Ele era um **sacerdote**... O **Sumo-sacerdote**. Ele veio não para abrogar a Lei de Deus; mas sim para cumpri-la (Mat.5:17). E, nascido judeu, é muito improvável que nos dias da Sua carne, Jesus tivesse deixado crescer o cabelo grande e cumprido ; tal como os artistas (desenhadores, pintores, etc.) O representam, hoje.

2.3. A DESCRIÇÃO DO CRISTO NAS VISÕES PROFÉTICAS (antes e depois da encarnação)

Este é terceiro argumento que nos leva a duvidar de todos esses Jesus que nos são representados nas imagens:

Antes da encarnação Daniel O viu e faz a seguinte descrição do que viu:

*“E levantei os meus olhos, e olhei, e vi **um Homem vestido de linho**, e os Seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz: E o Seu corpo era como turquesa, e o Seu rosto parecia um relâmpago, e os Seus olhos como tocha de fogo, e os Seus braços e os Seus pés como cor de bronze açacalado (polido); e a voz das Suas palavras como a voz de uma multidão”. (Dan.10: 5, 6)*

Comparamos essas coisas (descrições) com a visão do apóstolo João, na Ilha de Patmos, na escritura de Apoc.1 :13-15; desta vez **depois da encarnação do Cristo**:

*“... Um semelhante ao **Filho do homem**, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingindo pelos peitos com um cinto de ouro. E a Sua cabeça e cabelos eram brancos, como lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, a Sua voz como a voz de muitas águas”.*

Ora, existe um ponto em comum entre a visão de Daniel e a do apóstolo João: embora uma seja antes e outra depois da encarnação, as duas visões retractam o **aspecto glorioso** do Cristo; fora da carne humana.

Reparem no rosto: Daniel diz que parecia um relâmpago. E, pese embora João não dar detalhes particulares sobre o aspecto do Seu rosto, as duas visões convergem contudo no aspecto dos Seus olhos. Quando um disse: “*como tocha de fogo*” e o outro: “*como chama de fogo*”. Os outros elementos da cabeça de Jesus podem ser encontrados na descrição da visão de João: “*Sua cabeça e cabelos eram brancos, como lã branca, como a neve*”. Esta descrição confirma o que os três apóstolos viram no monte de transfiguração e conta: “*o seu rosto resplandeceu como o sol*” (Mat.17:2).

O apóstolo Paulo também conta a sua visão:

*“ao meio-dia, ó rei vi no caminho **uma luz do céu**, que **excedia o esplendor do sol**, resplandecendo em torno de mim e dos que iam comigo. E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que **me** persegues? (...) Disse eu:*

Quem és, Senhor? Respondeu o Senhor: *Eu sou Jesus*, a quem tu persegues” (Act.26:13-15)

Podemos anotar que Paulo não fez nenhuma descrição do que vi naquela visão. Em homem prudente que era, Paulo evitava sempre que possível falar **em detalhes** das coisas inefáveis que via e ouvia nas suas visões:

*“Ainda que eu decidisse gloriar-me não seria, de fato, insensato, porquanto estaria narrando verdades. Contudo, evito falar sobre isso **para que ninguém pense a meu respeito mais do que seja capaz de observar em minha vida ou de mim pode ouvir**” (2Cor.12:6) – versão King James.*

Contudo, é indiscutível que Paulo tivera visto O Senhor glorificado; porque ele afirmou:

“e por derradeiro de todos (Cristo) apareceu também a mim, como a um abortivo.” (1Cor.15:8)

Pode-se notar as semelhanças da experiência que Paulo teve no dia em que Cristo lhe apareceu nesta gloriosa visão, daquilo que Daniel viveu antes dele. Atentamos nas palavras deles... Daniel primeiro:

“Ora, só eu, Daniel, vi aquela visão; pois os homens que estavam comigo não a viram: não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram para se esconder. Fiquei pois eu só a contemplar a grande visão, e não ficou força em mim; desfigurou-se a feição do meu rosto, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo o som das suas palavras, eu caí num profundo sono, com o rosto em terra.” (Dan.10:7-9)

É a mesma coisa que aconteceu com o Paulo, com algumas diferenças, certo:

“Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu (...) mas levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer. Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém. Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via coisa alguma; e, guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. E estive três dias sem ver, e não comi nem bebiu. (Act.9:3,6-9)

A maior diferença entre essas duas visões, é que na segunda (depois da encarnação), O Cristo deu-Se à conhecer a Paulo pelo Nome que Lhe foi dado debaixo do céu: **Eu sou Jesus**. Todavia, em nenhuma dessas visões, Cristo não apareceu numa figura humana, parecida à das pinturas e outras imagens de Jesus feitas por mãos de homens. Se Ele lhes tivesse aparecido numa figura humana, nem Daniel, nem Paulo teria caído naqueles estados físicos decadentes que eles descrevem aqui, vendo o Seu aspecto e ouvindo a Sua voz.

3. A FURTIVA E SUBTIL INTRODUÇÃO DOS FALSOS ROSTOS DE JESUS NA IGREJA

Isto é fruto da simbiose entre a arte e a religião, datando sobretudo da época da Renascença.

As pinturas de Jesus e outras personalidades da Bíblia ficaram profundamente enraizadas na cultura religiosa de muitos; a tal ponto que muita gente olha para essas imagens, como se fosse pelo próprio Jesus, os apóstolos, etc. Todavia, todas essas figuras são fundamentas no **imaginário popular**. Ora, é aqui onde está o pecado; porque ninguém leva em conta as inúmeras advertências contidas na Palavra de Deus contra “os deuses falsos”. Esses deuses estranhos e alheios das nações da terra; que não fizeram o céu e a terra (Ex.20:23; 34:17; Lev.19:4; 2R. **19:18**; 29:18; 32:16; Ju.10:16; Deut.4:28; 11:16; Is.37:19, Jer.10:11, etc.), e que são obra de mãos de homens.

No antigo testamento, vimos que o Senhor-Deus, pela boca dos Seus servos e profetas exortava o Seu povo, muitas vezes e de muitas maneiras, a deitar fora esses deuses estranhos:

“Agora, pois, deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós, e inclinai o vosso coração ao Senhor Deus de Israel.” (Jos.24:23)

No novo testamento, os seus servos fizeram o mesmo. Como é o caso de Paulo, o apóstolo dos gentios, que muito se esforçou neste sentido:

*“e estais vendo e ouvindo que não é só **em Éfeso**, mas em **quase toda a Ásia**, este Paulo tem persuadido e desviado muita gente, dizendo não serem deuses os que são feitos por mãos humanas.”* (Act19:26)

Paulo acabou por atrair sobre si mesmo a fúria dos que tiravam proveito desses cultos de imagens. Atentamos agora pelo que disse Demétrio:

“E não somente há perigo de que esta nossa profissão caia em descrédito, mas também que o templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo mesmo a ser destituída da sua majestade aquela a quem toda a Ásia e o mundo adoram.” (v.27)

Se discernirmos atentamente todo discurso de Demétrio (Act.19:24-27), iremos compreender o que esses iconófilos temiam no passado, e continuam à temer até hoje. Se todos homens entendessem o que nos é dito na Palavra de Deus, no que toca o Evangelho da nossa salvação; e discernissem a vaidade dessas imagens:

- A profissão desses artistas e suas artes baseados no imaginário colectivo seriam desacreditados. E, os lucros cairiam. O que seria uma grande perda de uma importante fonte de lucro que sempre caracterizou

este negócio para essas igrejas. Este foi um dos principais motivos (não-declarado) que jogou um importante papel impulsor e catalisador para a restauração da veneração de imagens e ícones, aquando do Segundo Concílio de Niceia: a recusa de se desfazer de um negócio que rendia muito.

- Os próprios templos perderiam a sua majestade e importância espiritual e económica que devem-se muitos às pinturas e decorações artísticas, esculturas e quadros representando aqueles que são olhados como deuses das nações (mas não o são); sendo tudo invenção da mente e mão de homens.

Pelo que, hoje, muitos são os que temem à Deus, mas servem os deuses das religiões onde congregam; por falta de conhecimento (Os.4:6). Sendo eles próprios escravos de dogmas e credos que foram erguidos em doutrinas da fé. Como está escrito:

“Assim temiam ao Senhor, mas também serviam a seus próprios deuses, segundo o costume das nações do meio das quais tinham sido transportados.” (2R.17:33)

E não havendo luz da revelação neste sentido, quem poderá se libertar dos laços dessa corrupção? Assim nós também hoje (ainda que isso venha à desagradar profundamente alguns), vos exortamos à vos desviar dessas imagens; tirando-as das vossas igrejas, casas, viaturas, etc., despojando-vos de quaisquer objectos, panos ou tecidos com estes adornos. Porque, outrora quando não conhecíamos a Deus, servíamos aos que por natureza não são deuses. Mas, agora que O conhecemos e somos conhecidos por Deus, voltaríamos mais a venerar essas coisas inanimadas?

A representação de Jesus com cabelo moreno caindo até aos ombros e de olhos azuis, pele claro, etc. está profundamente enraizada na **cultura religiosa ocidental**. O que contrasta com o fenótipo ou características observáveis no povo da Palestina de onde (nascido como judeu) foi manifestado O Salvador nos dias da sua encarnação.

Essa cultura ocidental sofreu uma forte influência da época da “Renascença”, entre 1300 – 1650. Ora, a arte do renascimento teve como maior fonte de inspiração: **a cultura greco-romana**. Foi nesse período que registou-se muitos progressos e incontáveis realizações no campo de artes. Os temas eram: Deus, Igreja, Homem e natureza. O ideal era valorizar o homem (humanismo) e a natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural que caracterizavam a cultura da idade média.

Quem atenta pela cultura greco-romana consegue distinguir isso: os bustos representando os grandes homens que foram imortalizados pelos artistas da época são todos portadores de **cabelos curtos**; enquanto os deuses são representados com **cabelos compridos**. É uma questão de cultura.

Eis a razão pela qual, insisto sobre o facto de que Jesus **nasceu judeu e nasceu debaixo da Lei**. Para que possamos nos lembrar de que, de acordo com o que está escrito, todo judeu devia instruir os seus filhos na Lei de Deus, para que esses crescendo, não se desviassem dela. E, no caso daqueles que nasciam como nazireu, Deus tinha cuidado de revelar aos seus pais, antes do nascimento desses, que a navalha não passa nas suas cabeças. Porque? **Porque os homens judeus tosquiavam-se, segundo a Lei**.

Os artistas da Renascença procuravam “humanizar” as referências simbólicas: dando aos deuses aparência humana, tendo paixões humanas e vivendo entre mortais. Vimos pois nesta época surgir muitas pinturas em capelas, catedrais, etc. retractando as coisas que estão no céu, a criação do homem, etc.

Essa simbiose entre a arte e a religião legou ao mundo: **a humanização ou representação de deuses com figuras e paixões humanas**. O rosto de **Jesus** tal como é conhecido e aceite no mundo ocidental hoje remonta também desta mesma época.

Entre os grandes pintores desta época renascentistas destacam-se Leonardo da Vinci que pintou “A última ceia”, e Michelangelo como o maior escultor da época com as obras de Moisés e Davi. Ora, uma obra de arte é caracterizada pela genialidade e criatividade do artista que muitas vezes não reflectem a verdade. Reparem na estátua de Davi: considerado como uma obra genial, ela representa este servo de Deus completamente nu. Será que Davi, homem temente e conhecedor da Lei de Deus claramente expressa no Levítico 18 podia ter alguma vez exposto a sua nudez ao público; sabendo o que aconteceu no tempo de Noé por exemplo? Impossível e impensável! Onde é que Michelangelo viu e conheceu Moisés para o reproduzir? Vemos pois que o artista exprime a sua própria ideia naquilo que ele quer transmitir. **Os homens admiram a forma sem se preocupar com o fundo**. Em suma: a objectividade da arte é a ideia do artista que fica ancorado em nós. Ele nos transmite a sua maneira de ver o mundo. E a arte de Michelangelo retracta essencialmente **o corpo**. É assim que ele representa David num corpo atlético, insistindo sobre as divisões do corpo; e Moisés como uma mistura de deus e de gladiador com o corpo possante. É a sua ideia... a sua arte.

E, porque que os que se diziam “cristãos” na época não se levantaram contra essa devassidão, para se repor a Verdade? Visto que muitos destes

artistas que marcaram a arte na humanidade eram apadrinhados ou favorecidos pelos papas? A resposta é clara: a Verdade de Deus não interessava a hierarquia religiosa da época.

Pois tudo aconteceu naquela época da história da Igreja Romana em que eram rotineiros crimes como nepotismo, compra de votos, venda de cargos, corrupção. Naquela época, ter algum parente trabalhando na Igreja, conferia um certo estatuto na família. Pois dependendo da sua influência, qualquer membro de uma destas famílias podia elevar-se a posições altas como o cardinalato, sendo que cabia ao papa a responsabilidade de eleger directamente os cardeais; ou até mesmo se tornar papa. Os próprios cargos eclesiásticos eram um grande negócio.

“Para galgar a hierarquia na Igreja não bastava ter apenas um nome importante, era preciso ter dinheiro e saber como jogar aquele jogo” (HANAY, 1988, p. 16).

Foi assim que Rodrigo Borgia entrou na Igreja pela influência do seu tio Afonso Bórgia ou Papa **Calisto III** e, mais tarde se fez eleger também papa: o **papa Alexandre VI**.

Alexandre VI cuja influência em Roma chegou à ultrapassar o do próprio Cesar, segundo alguns analistas, teve um filho: **Cesar Bórgia**, famosamente conhecido pelas suas habilidades, inteligência e perversidade; tendo inspirado a personagem do “Príncipe” do livro de Maquiavel. Cesar Bórgia empregou Leonardo da Vinci como seu arquitecto militar e engenheiro. Foi provavelmente aqui onde aconteceu a fraude histórico. Porque alguns relatos alegam que a Igreja Católica deu a Leonardo da Vinci parecer favorável para fabricar a imagem que se tornara pela autoridade da elite desta Igreja, na representação de “Jesus” em todo ocidente. E, como todo artista precisa de um “modelo” (arquétipo) para se inspirar; Da Vinci inspirou-se aparentemente de Cesar Bórgia, o próprio filho do papa. Dando a sua obra “o rosto de Jesus” uma certa paixão, revelada nos olhos azuis (a cor do céu) assim como uma expressão de amor e bondade sobre o rosto.

Todo aquele que olha pela pintura do “rosto de Jesus” feita por Da Vinci pode se convencer da fraude. Busquei e achei na internet um busto do próprio Cesar Bórgia na França: as parecenças do fenótipo entre ele e o “Jesus ocidental” são inegáveis.

Contudo, a escolha do próprio Cesar Bórgia como “modelo” para desenhar Jesus, teria vindo também da sua parecença com a mais antiga imagem conhecido como “**icon of Christ Pantocrator**” do século 6, descoberto

aparentemente na Síria ou no império bizantino; e que retratam os aspectos do rosto de “Jesus” tais como as conhecemos hoje.

E todo aquele que entende um pouco de arte sabe que o **retrato pictórico** tem como objectivo de representar de “**maneira parecida**” a aparência visual do sujeito com suas expressões características. E, o maior problema com os “retratos de Jesus” é de tentar representar uma “pessoa” feita a semelhança de Deus; sabendo todavia que neste caso específico, o artista nada faz senão glorificar a **vaidade de uma pessoa** (o original utópico) que não é Deus.

O americano Warner Sallman pintou “**a cabeça do Cristo**” a pedido de uma publicação religiosa para pôr numa capa de brochura. Hoje, essa imagem reproduzida em cerca de 500 milhões de exemplares tornou-se popular nas casas, igrejas, etc. Sendo a imagem de Jesus mais reproduzida e aceita até em alguns meios protestantes menos propensos ao uso de imagens; como os adventistas, por exemplo. Todavia o pintor baseou-se no **imaginário colectivo**; na escolha do “modelo” para executar o seu retrato de Jesus. Imaginário colectivo alimentado pela herança da arte da época da Renascença e da cultura religiosa ocidental.

Consideramos aqui um exemplo mais recente da história da arte, para compreender a artimanha do artesão que caracteriza todo artista: todo mundo conhece a famosa e grandiosa obra que representa **a estátua da liberdade** situada na Ilha da Liberdade em Nova Iorque; considerada como património mundial da UNESCO. Contudo **nem todos sabem que para representar o rosto desta mulher da estátua da liberdade**, o escultor Frederic Auguste Bartholdi **inspirou-se da sua própria mãe**. Pelo que olhando por esta estátua e por todo que aquilo que pode representar na mente dos admiradores e turistas (ela simboliza “*A liberdade iluminando o Mundo*”), esses homens perdem-se *involuntariamente e inconscientemente* na **contemplação da mãe do artista, agora imortalizada na mente das pessoas de geração em geração**. A mãe deste artista tornou-se pois no “rosto” da Liberdade simbolizada por aquela estátua! E, se isso fosse um ícone religioso? Isto seria idolatria: a adoração de **um falso deus** que a imaginação de um artista nos apresentou como se fosse Jesus. Entendem agora o que quero dizer?

É justamente sobre esta astúcia do artista que quero chamar a vossa atenção. Porque, a mesma coisa decorre das várias pinturas de Jesus. Examinem primeiro o rosto de Jesus desenhado pelo pintor alemão Johann Michael Ferdinand Heinrich **Hofmann**. Depois disto, examinem com a mesma atenção o auto-retrato do mesmo pintor Hofmann, no qual ele se representa com uma barba preta, e comparem este último quadro com a sua obra “**Christ and the Rich**”

Young Ruler" (Jesus e o Jovem Príncipe rico), **1889**. Ficaram, talvez como eu, com a nítida impressão de que, se acrescentar-lhe o cabelo comprido, estaríamos perante a **mesma personagem**. Com algumas diferenças, claro, na expressão de paixão e amor que foi dada ao rosto do "Cristo"; enquanto o rosto do próprio pintor é mais severo. Reparem na testa, no nariz, nos contornos dos lábios, no queixo e uso da barba pelo pintor enquanto jovem, e comparem essas coisas com o "Jesus" da sua obra. Não estaríamos perante o "modelo" e a "obra"? Não quero insinuar nada. Todavia, este é o truque dos artistas! A mesma coisa aconteceu com a estátua da Liberdade. Entendo um pouco sobre o desenho e retracto, e sei o que digo. Conheço um irmão artista-pintor que executava quadros ilustrando a beleza da mulher africana tradicional, para comercialização. Ora, ele me confessou que num desses quadros, ele inspirou-se da sua própria esposa. Aqui está (mais uma vez) a astúcia do artista! Mas, será que os que compraram esses quadros tiveram conhecimento disso? E, se um outro pintor inspirar-se da mesma obra para a reproduzir? Vedes como é que a coisa vai evoluindo...

Pelo que repito: Não vos deixai seduzir! O Senhor Jesus não tem aquele rosto! Ao contemplar aquele quadro, correis o risco de adorar um homem pensando tratar-se do próprio Cristo: aqui está o **pecado da idolatria**. Agora, posso perfeitamente entender, o que O Espírito me dizia nos dias em que tinha também uma imagem daquelas no meu gabinete, quando ouvi essas palavras: *"Não terás outros deuses diante de mim."* Pouco importa a boa intenção do artista, a sua obra não passa de um deus feito por mão de homens.

Eu mesmo já ouvi, muitas vezes, algumas pessoas me dizerem: *"Tu és parecido com Jesus Cristo"*. Com que Jesus? O do **imaginário colectivo**, claro! Tendo quase o mesmo modelo do nariz, dos lábios e testa, o queixo um pouco agravado e uma grande barba. Só me falta cabelos compridos. É assim que as pessoas se imaginam Jesus! Com que **fundamento**? Nenhum! Senão: o **imaginário colectivo**.

Atentai pelos filmes... os actores que representaram Jesus, com particular realce para Brian Deacon (em "**Jesus**" – filme baseado no livro de Lucas); Robet Powell (em "**Jesus de Nazaré**") ou Jim Caviezel (em "**Paixão de Cristo**"), etc., correspondem todos eles às mesmas características visual, às quais se acrescentam a barba e o cabelo comprido. Foram escolhidos por ajustarem-se ou adequarem-se à este mesmo modelo que caracteriza o imaginário colectivo. Hoje, infelizmente, as fotos destes actores de cinema foram penduradas em casas, igrejas e vários outros locais..., como se do Verdadeiro Jesus se tratasse. Suscitando devoção por parte de algumas almas ignorantes. Na verdade: eles adoram "falsos deuses". Eis o que representam esses falsos cristos. Ora, fazendo

isso, eles atraem sobre si mesmo o ciúme e a ira do Senhor que expressamente determinou no Seu mandamento: “ *Não **terás outros deuses diante de mim.***”. E, como já o frisei: **tal culto não é prestado à Deus; mas sim à demónios.**

Sejais apercebidos disso: Jesus não tinha aquela semelhança antes da Sua encarnação; Ele não parecia assim aquando da Sua encarnação; Ele não tem tal semelhança agora que regressou para a glória que Ele tinha antes da fundação do mundo! E, vou insistindo sobre essa coisa, ainda e ainda: **nenhum desses artistas viu ou recebeu a revelação do “rosto” de Jesus para o ilustrar. Eles fizeram suas obras, fundamentando-se no imaginário colectivo; eles escolheram esses actores cinematográficos fundamentando-se no mesmo imaginário...** a ideia popular que o mundo ocidental se fez e faz ainda hoje de Jesus. Porque alguém os levou a crer que Jesus tem aquela aparência que vemos nas telas pintadas.

É disto que se trata, entre fábulas, lendas e verdades ocultadas ao longo de séculos de apostasia que caracterizaram a Igreja cristã: **todo aquele que pinta precisa de um modelo que lhe serve de inspiração.**

E, NUNCA se esquecem de que foi no **segundo Concílio de Niceia** durante a sua **Sexta Sessão do 6 de Outubro de 787** que aquela assembleia marcava o seu acordo **para que Cristo seja representado em imagens e pintado na forma humana.** Trata-se pois de uma disposição ou inclinação da Igreja liderada por homens; e andando segundo a carne e não segundo O Espírito.

Temos pois por certo de que Deus não é autor destas obras. Tal inspiração não vem de Deus! Não, não e não! Não digam que foi O Espírito Santo quem inspirou esses artistas. Não é verdade!

4. BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE CRÊM SEM VER!

Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.” (Jo.20:29)

Depois de tudo que foi dito aqui, entendemos agora que à partir da época de “Renascença”, a cultura ocidental” na tentativa de reformar as suas crenças fundamentadas na **mitologia** greco-romana, procurou humanizar os seus deuses que são produtos das suas mentes; e passou a valorizar o homem. Conclusão: **os**

deuses mitológicos ora adorados deixaram lugar aos deuses humanos. No lugar desses deuses, deificaram os papas e passaram a venerar os santos. E nesta tentativa de valorização do homem, as estátuas e outros ícones que representavam os deuses mitológicos deixaram lugar às estátuas e ícones representando os papas e os santos da igreja; assim como as personagens inventadas pelos grandes artistas da época que doravante eram olhados pela influencia desta mesma cultura religiosa como: Jesus, Maria, José, Pedro, Paulo, os profetas, etc. Aqui está os resultados da revolução renascentista.

Todavia, nós, os eleitos dentre as nações, não caímos no mesmo erro de “humanizar” de novo Jesus. Porque segundo o testemunho das escrituras ficou patente que depois da Sua ressurreição, Ele foi exaltado sobremaneira, recuperando a sua forma de Deus. **Não podemos cair no erro de adorar um “Homem” artisticamente inventado!**

Paulo que viu Jesus depois de Este ter sido recebido na glória, dá o seguinte testemunho: “e, ***ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, CONTUDO AGORA JÁ NÃO O CONHECEMOS DESSE MODO.***” (2Cor.5:16)

Está claramente explicito que, se uma vez o mundo conheceu Cristo numa cara humana, quando foi manifestado em Jesus de Nazaré, hoje não O conhecemos mais deste modo. Pois Ele já não ostenta um corpo e rosto humano. Quem é pois o Jesus que adoramos hoje? Jesus-homem ou O Senhor da glória? A Bíblia responde:

*“O qual (Jesus), subsistindo **em forma de Deus**, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”* (Fil.2:6-11)

Compreendemos pois que, Aquele que nós adoramos; já existia **em forma de Deus** antes da Sua encarnação. Foi manifestado por um tempo debaixo do céu **na forma de homem**. E pouco depois de ter cumprido a redenção, Ele foi recebido na glória, recuperando a Sua forma primitiva e Sua divindade. Tendo sido feito, Senhor do céu e da terra. Pelo que na visão de João, ele aparece na mesma forma que Daniel O viu, antes de vir na terra.

E se me dizer: *“Eu O vi numa visão... Ele tinha essa cara”*. Está bem! Mas a Palavra nos recomenda de não desprezarmos as profecias; antes, examinarmos TUDO, e retermos o que é bom. A minha pergunta é essa: A Verdade está na Palavra de Deus ou nas visões e sonhos? Claro que está na Palavra de Deus. Pois Deus é a Verdade. E, como os espíritos de profetas são sujeitos aos profetas, devemos examinar as profecias, visões e sonhos; e ver se eles concordam perfeitamente com o que diz a Palavra de Deus.

“Porque, da multidão de trabalhos vêm os sonhos... Porque na multidão dos sonhos há vaidades e muitas palavras; mas tu teme a Deus.” (Ecl.5: 3, 7)

Pode haver vaidade numa visão, profecia ou sonho; mas NUNCA na Palavra de Deus. Por isso digo: se tiver uma visão e que esta examinada à luz da Palavra de Deus, não projecta as cores da aliança; rejeita tudo isso e **teme a Deus; guardando ou observando a Sua Lei (Sua Palavra)**.

Se tiver uma imagem fixa de uma coisa, é possível sonhar ou “ver” essa coisa tal como o percebe teu imaginário. Você chama isso: visão. Claro que é uma visão! Todavia uma visão que não vem de Deus; mas que é produto do imaginário. Tal como é o caso deste “rosto de Jesus” que nos foi legado pela cultura religiosa ocidental. Fomos todos enganados durante muito tempo com essa falsa percepção sobre Jesus. Até que se cumpriram os tempos da restauração de todas as coisas que antecedem a vinda do Esposo. Este momento preciso, em que a luz da Verdade ilumina o “dogma” e então descobrimos o engodo: muitos de nós caíram na adoração de FALSOS JESUS. Pois o pecado da idolatria se esconde por detrás dessas imagens.

Já vi pessoas me dizerem: *“Vi O Senhor Jesus em visão”*. Todavia, a descrição que fizeram dele é a mesma que temos nas imagens feitas pelas mãos de homem. Protesto hoje veementemente: Este não é O Senhor Jesus!

Pensem num instante comigo, e que Deus vos dê a inteligência para compreender essas coisas:

1. **Apoc.1:13-18**: Não andou o apóstolo João com Jesus nos dias da Sua carne? Não reclinou-se no peito do Senhor? Não O viu ele com seus próprios olhos, e O apalpou? Todavia na Ilha Patmos **não Lhe reconheceu, nem sequer a voz**. Pode alguém em menos tempo como aquele que separa a subida de Jesus no céu e a visão de Patmos, esquecer até a voz de alguém com quem conviveu com ele quase três anos e meio? Mas, naquela visão, João Simplesmente não O reconheceu. Prestem atenção na descrição que João faz do Senhor: ele não fala do mesmo “homem” que ele andava e comia com Ele. Foi preciso que O Senhor

se apresentasse dizendo: *“Não temas; eu sou o primeiro e o último, e o que vivo; fui morto, mas eis aqui estou vivo pelos séculos dos séculos (Apoc.1:17,18).* Então João entendeu que se tratava do Senhor Jesus.

E porque que João não o reconheceu? Simplesmente porque Ele não parecia nem tão pouco ao homem que conheceu. Aquele corpo (Jesus de Nazaré) era apenas um véu que ele usou nos dias da Sua carne; por um pouquinho de tempo, a fim de cumprir a redenção. Findo isso: Cristo despojou-Se uma vez por toda daquele corpo mortal feito a imagem de Adão. Hoje Jesus Cristo não parece ao Adão. O contrário é que está certo: todos os remidos que têm o corpo de Adão hoje; trarão consigo a imagem do Glorioso naquele dia.

2. **Lc.24:13-35**: Três dias somente depois da crucifixão, os Seus próprios discípulos não O reconheceram no caminho de Emaús. Caminharam um tempo junto conversando. Todavia esses não Lhe reconheceram nem o rosto, nem a voz... até no partir do pão. E logo que Lhes abriu os olhos para O reconhecer, desapareceu do meio deles. Que corpo é este? Esses discípulos compreenderam e foram contar aos outros. Sim, **O Senhor ressurgiu!** Porque não O reconheceram logo? Simplesmente porque Ele não parecia nem tão pouco ao homem que conheceram antes.

Reparem agora no que acontece à partir do versículo 36 até 46: eles estão aí, todos reunidos, **com os onze apóstolos**. O próprio Jesus apresentou-Se no meio deles; desta vez na aparência que eles conheciam. Eles espantados e atemorizados pensavam que viam algum espírito. **Porque Jesus veio a eles dessa maneira? Para que eles tenham a certeza absoluta de que Ele ressuscitou.** Eis a única razão que justifique isso! A mesma coisa aconteceu com Tomé (Jo.20:24-28). Sim, Ele podia aparecer na forma que quiser (Mc.16:12). Contudo, convém notar aqui que desta vez, Ele podia aparecer (surgir) e desaparecer (ocultar-se) simplesmente; passar através das paredes, etc. coisas que não aconteciam antes da Sua morte e ressurreição.

Por isso quer que compreendeis isso uma vez por toda: **se Jesus depois da ressurreição, apresentou-Se à Seus discípulos, ou foi visto algumas vezes na aparência que estes O tiveram conhecidos antes, era tão-somente para que as provas da Sua ressurreição não deixassem dúvidas nestes homens que Ele escolhera para, justamente, dar testemunho desta coisa (ressurreição), sem a qual a nossa fé é vã.** Como pois poderiam eles testemunhar poderosamente da ressurreição sem ter a certeza disto ter acontecido; como no caso de Tomé? Entenderam agora?

Todavia ao mesmo Tomé que queria ter “a visão” antes de crer no que diz a Palavra, Jesus disse o seguinte: *“Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.* (Jo.20:29)

Eis que depois de ter sido recebido na glória, tendo recuperado a glória que Ele tinha antes da fundação do mundo (Jo.17:24); **Cristo jamais Se apresentou na Sua forma física temporária de antes a crucifixão e morte.**

Não existe nenhuma evidência bíblica de que Saulo de Tarso (o apóstolo Paulo) tivesse conhecido Jesus de Nazaré nos dias da Sua carne. Mas é claro que ele gozava de uma certa influência. Ao ponto do mesmo sumo-sacerdote que ditou a sentença da morte de Jesus, conceder-lhe autoridade para perseguir os seguidores de Jesus até Damasco (Act.9:1,2; 26:9-13; Gal.1:13,14). Mas, ao descrever a visão em como O Senhor lhe aparecera, fica claro que o Jesus que apareceu a Saulo no caminho de Damas não tinha uma aparência humana conhecida. Finalmente: era **uma luz que ultrapassava o resplendor do sol**, ou um jovem homem de cabelo comprido e barba? A verdade é que **O Cristo já glorificado se revelou a Saulo na Sua forma primitiva; antes da encarnação.** Quando ele queria saber quem era Aquele que falava com ele, perguntou: *“Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues”* (Act.9:5). Ananias lhe confirmou a visão dizendo: *“Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo.”* (v.17).

Levantou-se pois e começou a apregoar que Jesus era o Cristo; o filho de Deus. (v.20,22). Paulo viu Jesus numa luz; e Aquela luz é O Cristo (Gen.1:3; Jo.1:1-5; 8:12; Apoc.21:23, etc.). E, ele sendo o único apóstolo influente que não andou com Jesus nos dias da Sua encarnação e à quem O Senhor apareceu depois de ter sido recebido na glória, dá o seguinte testemunho: *“e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo **agora já não o conhecemos desse modo.**”* E, se para algumas pessoas são apenas palavras sem sentido; todavia para nós, temos nessa declaração uma fortíssima confirmação do que ensinamos aqui: **as imagens de Jesus que veneramos hoje**, e que encontramos nas casas, templos ou igrejas; nas praças e lojas; na literatura evangélica ou na indústria cinematográfica, etc. **são heresias.** Guardai-vos pois desses **falsos deuses**; e temeí Aquele que diz:

*“Não **terás OUTROS DEUSES** diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem **FIGURA ALGUMA** do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás diante delas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso,*

que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.”

Deus não leva em conta os tempos da ignorância. Mas, por nós, Ele vai exortando à todos homens que se arrependem dessas práticas. Ainda que por isso tivemos, como Paulo, de enfrentar a ira dos novos Demétrio e seus colegas de profissão e comparsas artesãos de obras semelhantes; e que prosperam com este negócio. (Act.19:24-28)

Lembrai-vos de que, quando o mandamento de Deus disse: Não farás **“figura alguma”**; isto significa: nenhuma **forma**, nenhuma **fisionomia**, nenhuma **aparência**, nenhum **aspecto**, nenhum **semblante**... Ora, a cultura religiosa ocidental nos legou tudo isso: falsas fisionomias, falsos semblantes, falsas aparências de Jesus. Pois ao olharem por esses “rostos de Jesus”, lembrai-vos na verdade que se trata de “falsos deuses” feitos pelas mãos de homens.

Quanto à nós, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, na santificação do Espírito, para andarmos na obediência; aguardando a revelação do Senhor Jesus Cristo, não precisamos O ver para O amar ou para crer. Como está escrito:

“a quem (Jesus), sem o terdes visto, amais; no qual, sem agora o verdes, mas crendo, exultais com gozo inefável e cheio de glória” (1Pe.1:8)

Bem-aventurados os que (como nós) não precisam ver uma ilustração de Jesus feita por mãos de homens para crer.” (Jo.20:29)

5. RENOVANDO O NOSSO ENTENDIMENTO SOBRE A IDOLATRIA

Dizia eu pois que, naquele dia, ao entrar no meu gabinete para a oração, estive longe de imaginar que algo me iria acontecer, e que mudaria para sempre a minha concepção sobre a idolatria. Não se trata daquela idolatria que vemos nos outros. Mas sim, daquela que está estabelecida no meio de todos nós que procuramos nos identificar à esta Igreja-Esposa do Cristo; que se prepara (na Palavra) para o dia da Sua vinda; e das bodas do Cordeiro.

Quando interrompi a minha oração naquele dia e me levantei, olhei pela imagem que estava afixada na parede do meu gabinete: o **“Jesus” de Hoffman**. Esta é a imagem que eu contemplava cada dia que entrava naquele lugar para trabalhar ou meditar; e em baixo da qual estava, por mim, escrito: *“Ele é a imagem do Deus invisível”* (Col.1:15).

Todavia, aquele dia, O Espírito pôs-se lá diante de mim, exibindo o mandamento: “ **Não terás OUTROS deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem FIGURA ALGUMA do que há em cima no céu...**”. Removi aquela imagem do meu gabinete, olhei atentamente para ela. Mas, quando quis rasgá-la, senti uma profunda tristeza em mim. Já não podia me lembrar desde quando essa foto estava lá... Foi um amigo que me ofertou. Apercebi-me naquele dia, ó quão grande, era o meu apego por aquela imagem; ao ponto de não querer mais me separar dela. E, foi então que entendi o que acontece com muita gente que, hoje, sentem imensas dificuldades e remorsos em abandonar os seus ícones e outras representações de imagens sacras. A força do hábito faz com que essas coisas tornam-se involuntariamente (quase sem nos apercebemos), parte integrante do nosso modo de adoração.

Eu tinha que fazer uma escolha entre **o que está escrito, e o que me foi dito**. Pois, de acordo com o divino mandamento, Deus abomina não só a imagem esculpida, mas também **qualquer** representação (pintura, foto, desenho ou tela, etc.) de tudo que se relaciona com a divindade e a adoração. E quando isso começa a fazer parte do culto, o pecado da idolatria é consumada. Porque, segundo Ex.20:5, todo aquele que faz isso, **pratica a iniquidade e odeia Deus**. Aí está!

Devemos todos fazer uma escolha; cada um por si. Pois, cada um prestará conta por si mesmo... pouco importa o agrupamento religioso à que nos reivindicamos.

Hoje, pela nossa pregação, a majestade dessas imagens que são veneradas na religião cristã ocidental e no mundo inteiro como sendo “rostos” de Jesus Cristo é aniquilada. Ainda que isso não agrada aos “Demétrio” do século presente que defendem essas imagens e prosperam com este negócio.

Muitas vezes, já contei como O Senhor me revelou o Evangelho para o poder anunciar, por minha vez, no meio das nações. No dia em que eu ia protestando: “*Senhor, já tem muitos servos na seara que falam. O que tenho à dizer ou fazer que eles nunca disseram ou fizeram?*” Foi então que ouvi: “*Vai dizer ao Meu povo: **Eis que cedo venho!***”. E, a minha convocação me foi confirmada na escritura de Ex.23:20-33. E, a ordem nela contida, nítida:

“Não te inclinarás diante dos seus deuses, nem os servirás, nem farás conforme as suas obras; Antes os derrubarás totalmente, e quebrarás de todo as suas colunas (...) Não farás pacto algum com eles, nem com os seus deuses. Não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim; pois se servires os seus deuses, certamente isso te será um laço.”

Hoje, pela nossa pregação (como a de muitos outros servos de Deus), a Verdade é restaurada; os deuses das nações e todos os seus ídolos são derrubados. É agora que muitas brechas que Satanás fez na Igreja (o edifício de Deus) são reparadas; e nossa fé trazida de volta no fundamento primitivo. De acordo com o que foi prometido pelo próprio Senhor:

*“Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados (...) E os que de ti procederem edificarão as ruínas antigas; e tu levantarás os fundamentos de muitas gerações; e **serás chamado REPARADOR DA BRECHA, e restaurador de veredas para morar**”*
(Is.58:1,12)

E, todos esses prodígios se cumpram debaixo dos nossos olhos! Nem por força, nem por violência, mas pelo Espírito do Senhor.

Bem-aventurado aquele que não se escandalizar em mim!

Dr. Tiago Moisés